

FILL, ALWIN (2022).

[https://doi.org/10.14195/0870-4112\\_3-9\\_28](https://doi.org/10.14195/0870-4112_3-9_28)

## Linguistics for Peace.

Würzburg: Königshausen & Neumann, 106 p.

ISBN 978-3-8260-7676-3

Numa altura em que grassa uma guerra entre a Ucrânia e a Federação Russa (eufemisticamente declarada como “operação especial”), alcançando patamares inimagináveis de violência numa Europa que não aprendeu com os horrores vividos durante o século XX, fazer a recensão dum livro que nos faz refletir sobre o papel da linguagem no desencadear e avolumar de conflitos armados, mas também na sua superação, é simultaneamente desafiante e regenerador. Conheço Alwin Fill, autor de *Linguistics for Peace*, já desde 1995, altura do primeiro congresso de ecolinguística a que fui, por ele organizado. Linguista e professor emérito na área da Anglistica na Universidade de Graz, é um dos grandes nomes da primeira geração da ecolinguística, tendo organizado inúmeros colóquios. Tem publicado obras que continuam a deixar marcas nesta área de estudos, a qual se ocupa das relações recíprocas entre linguagem e ambiente / natureza (*Wörter zu Pflugscharen*, 1987; *Ökolinquistik*, 1993; *Das Prinzip Spannung*, 2003; editou com Peter Mühlhäusler o *Ecolinguistics Reader*, 2001; com Hermine Penz, editou o *Routledge Handbook of Ecolinguistics*, 2018). Conhecendo de há muito a tónica agregadora da sua maneira de trabalhar, não poderia deixar de dar a conhecer o seu livro de 2022 no nosso país.

De salientar num contexto lusófono é a epígrafe-homenagem em verso, da autoria do brasileiro Francisco Gomes de Matos, professor emérito da universidade do Recife, que vem nas últimas décadas desenvolvendo uma ligação muito forte às questões da paz comunicativa e àquilo que, em livro, se apresenta como *Nonkilling Linguistics*. Deste autor recebo com frequência, juntamente com Alwin Fill e muitos outros colegas, pequenos textos rimados – no fundo,

a concretização duma abordagem positiva e construtiva da linguagem, através de formulações muito sintéticas, frequentemente na forma gráfica de pósteres. A sua ideia principal, a que Alwin Fill adere, é a de que devemos usar uma linguagem dignificadora do outro.

Como não poderia deixar de ser, em função do que se dirá mais adiante, o livro aqui sob escrutínio conta com escassas 106 páginas, escritas em inglês. A principal tese defendida é a de que a linguagem é frequentemente responsável por guerras, sendo que a consciência desse mesmo facto poderia servir para as evitar. Em cada um dos 17 capítulos (incluindo a bibliografia) abundam as referências a autores (Chomsky, Bertrand Russel, Kant, Wittgenstein...), não necessariamente linguistas, que se dedicaram ao estudo da paz e da guerra. Fill percorre temas muito variados, desde o pacifismo ao uso de metáforas belicistas em hinos nacionais, ou até no desporto, passando pela responsabilidade das religiões no desencadear dos conflitos (dá o exemplo da Guerra dos 30 Anos), ou ainda pela ideia de que em muitas obras literárias e filosóficas a guerra é apresentada em termos que a enaltecem. Há, refere, cerca de 200 palavras derivadas / compostas a partir de *Frieden* (alemão *paz*) no dicionário dos irmãos Grimm; no entanto, mais de 600 a partir de *Krieg* (alemão *guerra*). Faz ainda notar que nos dicionários aparece a expressão *declaração de guerra*, sendo muito raro ocorrer *declaração de paz*. Se, por outro lado, com Maquiavel os seres humanos são apresentados como “ungraceful”, “coward”, “profit-seeking” e “hypocritical”, propõe que se mude esta visão do mundo para a da *survival of the friendliest*, os quais deveriam tornar-se líderes.

Nas guerras civis, muito mais frequentes do que entre países, algumas usando de métodos como o terrorismo, considera ser o desejo de independência que está na base do conflito, alertando para os usos que se dá ao termo *liberdade*, que podem desestabilizar o todo social (dá como exemplo as medidas anti-covid na Áustria, combatidas por certos setores sociais em nome da liberdade individual). A atitude face à guerra em países da Ásia é também alvo de atenção, defendendo o autor que o confucionismo possui uma dimensão pacifista. Em pequenas comunidades aborígenes, diz-nos, as pessoas não travavam guerras para expandir o seu território, uma vez que

acreditavam que não o possuíam, antes o território era visto como dono das pessoas. Nalgumas destas comunidades a linguagem serve também para amortecer a conflitualidade: Fill exemplifica, no capítulo 5, com os duelos cantados dos Inuit, os torneios falados dos Maori ou os as competições de gritaria dos Yali (acrescento aqui o nosso “cantar à desgarrada / ao desafio”). Ainda quanto ao papel da linguagem, alerta para o facto de que pode constituir uma arma, sobretudo se em determinados contextos se recorrer à ironia ou sarcasmo. De igual modo, generalizações com palavras como “nunca” (“tu nunca me ajudas!”) ou “sempre” (“tu estás sempre a roer as unhas!”) podem ser perigosas, afirma.

Muito mais do que na linguística, Fill inspira-se no trabalho de filósofos, economistas e talvez sobretudo em pacifistas de renome, dando muito relevo, logo no primeiro capítulo, e não só, à voz feminina, por via da referência a Bertha von Suttner, num contexto em que destaca o papel de resistência que se esperaria que as mulheres desempenhassem em casos de conflitos armados. Referindo-se à Antiguidade clássica (a luta das sabinas na Roma antiga, que se interpuseram entre as frentes de batalha, por não quererem que os seus maridos e pais lutassem na guerra), o autor apresenta as mulheres, não tanto como envolvidas nos conflitos bélicos (algo que se vem estudando, numa perspetiva feminista), mas muito mais como suas opositoras, o que requer igualmente que sejam ativas.

Há duas outras grandes teses neste livro: uma delas é a de que a apetência pela conflitualidade resulta, em larga medida, da ideologia conhecida por “crescimentismo” ou, em inglês, *growthism*, que se consubstancia num viés patente num grande número de línguas, viés este detetado originariamente por Michael Halliday para o inglês, em 1990: o de que a gramática do grande equivale à gramática do bom (ou daquilo que “deve” constituir a norma ou padrão). A comprová-lo, confrontem-se, em português (exemplos meus), alguns pares de adjetivos antónimos e os substantivos com que nomeamos tais polaridades: *alto* vs *baixo* (vamos medir a *altura* / *\*baixura*); *largo* vs *estreito* (vamos medir a *largura* / *?estreiteza*); *comprido* – *curto* (vamos medir o *comprimento* / *\*curteza*). Este é um viés que está também presente no mote dos jogos olímpicos: *citius, altius, fortius*. Ao referi-lo, Fill não pretende pôr

em causa o desporto, uma vez que considera que é pela dimensão catártica da atividade desportiva e, por outro lado, pelo cultivo das artes, que se amoretam e desviam as atenções de comportamentos agressivos, muito embora alerte para o perigo das comparações. O livro foi dado à estampa numa altura em que já estava em curso a guerra na Ucrânia, pelo que a ela se refere, de forma lacónica, algumas vezes, criticando a invasão levada a cabo pela Rússia e apontando, no capítulo final (p. 93), a mentalidade crescentista (aquilo que no capítulo 2 também designa por “stoneageism”), como responsável, quer por levar a NATO a querer induzir a Ucrânia a integrá-la, quer por fazer com que a Rússia pretendesse aumentar a sua influência nos países vizinhos, que há não muito tempo faziam parte da antiga União Soviética (no entanto, acrescente-se que várias tentativas de entrada da Ucrânia na Nato foram sucessivamente recusadas pela própria NATO).

Deriva do seu posicionamento crítico relativamente ao grande o facto de, tal como fez noutros trabalhos, assumir uma ética de defesa daquilo que é pequeno. Não admira, pois, que se sustente em nomes que propuseram ideias análogas, como é o caso de Leopold Kohr ou de E.F. Schumacher, este último autor de *Small is beautiful*, um *bestseller* no qual se defendiam as comunidades ou nações pequenas, onde germinariam ideias de bioregionalismo que hoje, com a crise climática e alimentar, vêm de novo ganhando visibilidade. Se o viés que tanto valoriza o grande consolida para Fill uma ideologia deletéria para o meio ambiente e ser humano, o facto é que me parece que esta sua rejeição, permitindo embora, por exemplo, conferir maior saliência epistemológica a seres vivos pequenos em extinção (os insetos polinizadores, contra os quais uma guerra química e mecânica se vem arrastando), não nos ajuda porventura a sustentar argumentativamente a nossa defesa imperativa (evito termos como *luta* ou *combate*) relativamente à poluição por microplásticos, elementos ínfimos que resultam da fragmentação de artefactos de síntese química no meio ambiente, uma situação que vem afetando os solos, os cursos de água e oceanos do planeta, desregulando as cadeias tróficas, e que se transformou numa outra “guerra” gigantesca do ser humano contra os ecossistemas naturais de que dependemos. Portanto, em minha opinião aquilo que é muito pequeno pode, sim, causar danos. Vejam-se, ainda, as

bactérias e os vírus em populações suscetíveis à ocorrência de epidemias ou mesmo de pandemias. Apesar destes contraexemplos, estou certa de que um olhar atento para as chamadas “pequenas coisas da vida”, sabendo celebrá-las sem grandes ambições ou “manias das grandezas”, é uma maneira de nos pacificarmos na nossa relação com o ambiente natural e uns com os outros, e nisso concordo com o autor.

Ora, é com a necessidade deste olhar muito mais atento que termino esta resenha: de facto, outra tese defendida no livro é a da rejeição do pensamento por contrastes, que em muitos casos levaria ao conflito. Eis alguns desses contrastes: “Friend – enemy; peace – war; beauty – ugliness; the good – the bad; man – woman; poverty – wealth; youth – age; truth – lie; courage – cowardice; east – west; small – big; high – low; good – bad; slow – fast; friendly – unfriendly; live – die; love – hate; praise – despise; attack – defend”. Fill chama a atenção para o facto de que entre cada uma destas polaridades há muitos estádios intermédios, a que deveríamos prestar mais atenção: “Love and hate are certainly feelings, emotions or attitudes between which a great number of stages exist, e.g. *affection, attachment, liking, rejection, disapproval, critique* and many others” (p. 37). O autor conclui, logo a seguir, que a ecolinguística pode tornar as pessoas conscientes destas diferentes maneiras de pensar e com isso contribuir para a paz no mundo.

ADELAIDE CHICHORRO FERREIRA

*adelaide@fl.uc.pt*

*Universidade de Coimbra*

<https://orcid.org/0009-0004-6424-4036>

